 Tempo de leitura: 9 min.

(continuação do artigo anterior)

Apêndice de diversas coisas

I. Antigo costume da consagração das igrejas

Depois que uma igreja é construída, não é possível cantar os ofícios divinos, celebrar o santo sacrifício e outras funções eclesiásticas nela, a menos que ela seja antes abençoada ou consagrada. O bispo, com a multiplicidade de cruzes e a aspersão de água benta, pretende purificar e santificar o local com exorcismos contra espíritos malignos. Essa bênção pode ser realizada pelo bispo ou por um simples sacerdote, mas com ritos diferentes. Quando se trata da unção do santo crisma e dos óleos sagrados, a bênção é de responsabilidade do bispo, e é chamada de solene, real e consecutiva porque tem a conclusão de todas as outras; e ainda mais porque a matéria abençoada e consagrada não pode ser convertida em uso profano; por isso é estritamente chamada de consagração. Se, então, em tais cerimônias, apenas certas orações são realizadas com ritos e cerimônias semelhantes, a função pode ser realizada por um sacerdote, e é chamada de bênção.

A bênção pode ser realizada por qualquer sacerdote, com a permissão do Ordinário, mas a consagração pertence ao Papa e somente ao bispo. O rito de consagração das igrejas é muito antigo e cheio de graves mistérios, e Jesus Cristo, ainda criança, santificou sua observância, enquanto sua cabana e o presépio foram transformados em um templo na oferta feita pelos Reis Magos. A caverna, portanto, tornou-se um templo, e o presépio, um altar. São Cirilo nos diz que os apóstolos consagraram o cenáculo onde tinham recebido o Espírito Santo em uma igreja, um salão que também representava a Igreja universal. De fato, de acordo com Nicéforo Calisto, hist. lib. 2, cap. 33, tal era a solicitude dos apóstolos que, em todo lugar onde pregavam o evangelho, consagravam alguma igreja ou oratório. O Pontífice São Clemente I, eleito no ano 93, sucessor e discípulo de São Pedro, entre suas outras ordenações, decretou que todos os lugares de oração deveriam ser consagrados a Deus. Certamente, no tempo de São Paulo, as igrejas eram consagradas, como alguns dos estudiosos, escrevendo aos Coríntios no c. III, *aut Ecclesiam Dei contemnitis [ou desprezais a Igreja de Deus]?* Santo Urbano I, eleito no ano 226, consagrou a casa de Santa Cecília em uma igreja, como escreveu

Burius *in vita eius [em sua vida]*. São Marcelo I, eleito no ano 304, consagrou a igreja de Santa Lucina, como relata o Papa São Dâmaso. Também é verdade que a solenidade da pompa, com a qual a consagração é realizada hoje, aumentou com o tempo, depois que Constantino, ao restaurar a paz na Igreja, construiu basílicas suntuosas. Até mesmo os templos dos gentios, antes morada de falsos deuses e ninho de mentiras, foram convertidos em igrejas com a aprovação do piedoso imperador e foram consagrados com a santidade das veneráveis relíquias dos mártires. Em seguida, de acordo com as prescrições de seus predecessores, o Papa São Silvestre I estabeleceu o rito solene, que foi ampliado e confirmado por outros papas, especialmente por São Félix III. Santo Inocêncio I estabeleceu que as igrejas não deveriam ser consagradas mais de uma vez. O pontífice São João I, em sua viagem a Constantinopla para tratar dos assuntos dos arianos, consagrou as igrejas dos hereges como católicas, como lemos em Bernini[1].

II. Explicação das principais cerimônias usadas na consagração das igrejas.

Seria longo descrever as explicações místicas que os santos Padres e Doutores dão sobre os ritos e as cerimônias da consagração das igrejas. Cecconi fala deles nos capítulos X e XI, e o padre Galluzzi no capítulo IV, dos quais podemos resumir o seguinte.

Os santos doutores, portanto, não hesitaram em afirmar que a consagração da igreja é uma das maiores funções sagradas eclesiásticas, como se pode deduzir dos sermões dos santos Padres e dos tratados litúrgicos dos mais famosos autores, demonstrando a excelência e a nobreza que envolve tão bela função, tudo voltado para tornar respeitada e venerada a casa de Deus. São precedidas pelas vigílias, os jejuns e as orações, que têm o objetivo de preparar os exorcismos contra o demônio. As relíquias representam nossos santos. E para que sempre as tenhamos em mente e em nossos corações, elas são colocadas na caixa com três grãos de incenso. A escada pela qual o bispo sobe até a unção das doze cruzes nos lembra que nossa meta final e principal é o Paraíso. As referidas cruzes e o mesmo número de velas significam os doze Apóstolos, os doze Patriarcas e os doze Profetas, que são os guias e os pilares da Igreja.

Além disso, a unção das doze cruzes em outros tantos lugares distribuídos na parede consiste formalmente na consagração, e diz-se que a igreja e suas paredes estão consagradas, como observa Santo Agostinho, lib. Agostinho, lib. 4, *Contra Crescent*. A igreja é fechada para representar a Sião celestial, onde não se

entra a menos que se esteja purificado de toda imperfeição, e com várias orações invoca-se a ajuda dos santos e a luz do Espírito Santo. A caminhada que o bispo faz três vezes, junto com o clero ao redor da igreja, tem o objetivo de aludir à caminhada que os sacerdotes fizeram com a arca ao redor das muralhas de Jericó, não para que as muralhas da igreja caiam, mas para que o orgulho do demônio e seu poder possam ser extintos por meio da invocação de Deus e da repetição das orações sagradas, muito mais eficazes do que as trombetas dos antigos sacerdotes ou levitas. Os três golpes que o bispo dá com a ponta de seu báculo na soleira da porta nos mostram o poder do Redentor sobre sua Igreja, bem como a dignidade sacerdotal que o bispo exerce. O alfabeto grego e latino representa a antiga união dos dois povos produzida pela cruz do mesmo Redentor; e a escrita que o bispo faz com a ponta do báculo significa a doutrina e o ministério apostólico. A forma dessa escrita, portanto, significa a cruz, que deve ser o objeto comum e principal de todo aprendizado dos fiéis cristãos. Significa também a crença e a fé em Cristo transmitidas dos judeus para os gentios, e deles para nós. Todas as bênçãos estão repletas de profundos significados, assim como todas as coisas que são empregadas na sagrada função. As unções sagradas com as quais o altar e as paredes da igreja são marcados significa a graça do Espírito Santo, que não pode enriquecer o templo místico de nossa alma se ele não for primeiro purificado de suas manchas. A função termina com a bênção no estilo da santa Igreja, que sempre começa suas ações com a bênção de Deus e as termina com ela, porque tudo começa com Deus e termina em Deus. A função é concluída com o sacrifício da missa, não só para cumprir o decreto pontifício de Santo Higino, mas porque não há consagração que se realize onde, com a missa, a vítima não seja também inteiramente consumida.

Pela grandeza do rito sagrado, pela eloquência de seu significado místico, podemos facilmente ver quanta importância a santa Igreja, nossa mãe, atribui a ele e, portanto, quanta importância devemos dar a ele. Mas o que deve aumentar nossa veneração pela casa do Senhor é ver o quanto esse rito é fundamentado e informado pelo verdadeiro espírito do Senhor revelado no Antigo Testamento. O espírito que guia a Igreja hoje para circundar os templos do culto católico com tanta veneração é o mesmo espírito que inspirou Jacó a santificar com óleo o lugar onde teve a visão da escada; é o mesmo espírito que inspirou Moisés e Davi, Salomão e Judas Macabeu a honrar com ritos especiais os lugares destinados aos mistérios divinos. Oh, o quanto essa união de espírito de um e outro Testamento, de uma e outra Igreja nos ensina e nos conforta! Mostra-nos o quanto Deus gosta de ser adorado e invocado em suas igrejas, e o quanto ele responde de bom grado às orações que nelas nós dirigimos a ele. Quanto respeito por um lugar cuja

profanação armou a mão de um Deus com o açoite e o transformou de um cordeiro manso em um justiceiro severo!

Vamos, portanto, ao templo sagrado, mas com frequência, pois a necessidade que temos de Deus é diária; vamos intervir lá, mas com confiança e com temor religioso. Com confiança, pois lá encontramos um Pai pronto a nos ouvir, a nos multiplicar o pão de suas graças como na montanha, a nos abraçar como o filho pródigo, a nos consolar como a mulher cananeia, nas necessidades temporais como nas bodas de Caná, nas necessidades espirituais como no Calvário; com temor, pois esse Pai não deixa de ser nosso juiz, e se ele tem ouvidos para ouvir nossas orações, também tem olhos para ver nossas ofensas, e se ele está em silêncio agora como um cordeiro paciente em seu tabernáculo, ele falará com uma voz terrível no grande dia do julgamento. Se o ofendermos fora da igreja, ainda teremos a igreja como lugar para o perdão; mas se o ofendermos dentro da igreja, aonde iremos para sermos perdoados?

No templo, a justiça divina é aplacada, a misericórdia divina é recebida, *suscepimus divinam misericordiam tuam in medio templi tui [recebemos a tua divina misericórdia no meio do teu templo]*. No templo, Maria e José encontraram Jesus quando o haviam perdido; no templo, nós o encontraremos se o buscarmos com aquele espírito de santa confiança e santo temor com que Maria e José o buscaram.

Cópia da inscrição selada na pedra fundamental da igreja dedicada a Maria Auxiliadora em Valdocco.

D. O. M.

UT VOLUNTATIS ET PIETATIS NOSTRAE
SOLEMNE TESTIMONIUM POSTERIS EXTARET
IN MARIAM AGUSTAM GENITRICEM
CHRISTIANI NOMINIS POTENTEM
TEMPLUM HOC AB INCHOATO EXTRUERE
DIVINA PROVIDENTIA UNICE FRETIS
IN ANIMO FUIT
QUINTA TANDEM CAL. MAI. AN. MDCCCLXV
DUM NOMEN CHRISTIANUM REGERET
SAPIENTIA AC FORTITUDINE
PIUS PAPA IX PONTIFEX MAXIMUS
ANGULAREM AEDIS LAPIDEM

IOAN. ANT. ODO EPISCOPUS SEGUSINORUM
DEUM PRECATUS AQUA LUSTRALI
RITE EXPIAVIT
ET AMADEUS ALLOBROGICUS V. EMM. II FILIUS
EAM PRIMUM IN LOCO SUO CONDIDIT
MAGNO APPARATU AC FREQUENTI CIVIUM CONCURSU
SALVE O VIRGO PARENS
VOLENS PROPITIA TUOS CLIENTES
MAIESTATI TUAE DEVOTOS
E SUPERIS PRAESENTI SOSPITES AUXILIO.

I. B. Francesia scripsit.

Tradução.

Como um testemunho solene para a posteridade de nossa benevolência e religião para com a augusta Mãe de Deus, Maria Auxiliadora, resolvemos construir este templo a partir dos alicerces, no dia 27 de abril do ano de 1865, governando a Igreja Católica com sabedoria e fortaleza, o Pontífice Máximo Pio IX, Dom João Odone, bispo de Susa, abençoou a pedra fundamental da igreja de acordo com os ritos religiosos; e Amadeu de Saboia, filho de Vitório Emanuel II, a colocou no lugar pela primeira vez em meio a grande pompa e a uma grande multidão de pessoas. Salve, ó Virgem Mãe, socorrei benévola os vossos devotos à vossa majestade e defendei-os do céu com ajuda eficaz.
Escreveu João Batista Francesia.

Hino lido na bênção solene da pedra fundamental.

Quando o adorador de ídolos
Moveu guerra a Jesus,
De quantos mil intrépidos
A terra foi ensanguentada!
Das lutas ferozes, incólumes
A Igreja que surgiu de Deus
Ainda propaga sua vida,
De um a outro mar.

E ainda se orgulha de seus mártires
Este humilde vale,
Onde Otávio morreu,
Onde Solutor caiu.
Bela vitória imortal!
Sobre os gramados sangrentos
Dos mártires se ergue
Talvez o altar divino.

E aqui o jovem aflito
Soltando seus suspiros,
Um refrigério para sua alma
Encontra em seus mártires;
Aqui a viúva desprezada
De coração devoto e santo
Ela deposita seu humilde pranto
No seio do Rei dos Reis,

E a Ti, que costumas vencer
Mais do que mil espadas,
A Ti que ostentas glórias
Em todos os quadrantes,
A Ti, poderosa e humilde,
De quem todo o nome fala,
MARIA, AUXÍLIO DOS CRISTÃOS,
Um templo erguemos a Ti.

Então, ó Virgem misericordiosa,
Sê grande para Teus devotos,
Sobre eles em abundância
Derrama Teus favores.
Já com terna pupila
O jovem PRÍNCIPE olha,
Que aspira aos Teus louros,
Ó Mãe do Redentor!

Ele de mente e caráter
De nobre sentimento,

A Ti se entrega, ó Virgem,
Já no florescer dos anos;
Ele com olhar assíduo
Canta canções sagradas para Ti,
E agora anseia por armas
O fragor habitual.

Ele de Amadeu a glória,
As grandes virtudes de Humberto
Guarda em seu coração, e lembra
Sua coroa celestial;
E das nuvens brancas,
Das equipes celestiais
Da abençoada Mãe
Ouça o piedoso discurso.

Querido e amado Príncipe,
Estirpe de heróis santos,
Que pensamento benéfico
Te traz aqui entre nós?
Habituado a casas de ouro,
Do elevado esplendor do mundo
A miséria do pobre
Te dignaste a visitar?

Bela esperança para o povo,
Em cujo meio tu chegas,
Possas viver teus dias
Calmos, doces e serenos:
Nunca em tua jovem cabeça
Em tua alma segura
O infortúnio grite,
Não amanheça dia amargo.

Sábio e zeloso prelado,
E nobres senhores,
Quanto agradam ao Eterno
Vossos santos ardores!

Vida abençoada e plácida
Vive aquele que, para o decoro
Do Templo o seu tesouro
Ou o trabalho prodigalizou.

Ó doce e piedoso espetáculo!
Ó dia memorável!
Dia mais belo e nobre,
Que jamais foi visto e quando?
Bem, fala à minha alma:
Deste ainda mais belo
Dia será certamente aquele
Em que o Templo se abra ao céu.

No trabalho difícil
Benefícios dourados,
E logo chegados ao fim,
Com alegria em Deus descansai;
E então dedilhando fervorosamente
Em minha cítara uma canção:
Louvaremos o Santo
O Forte de Israel.

(continua)

---

[1] Compendio delle eresie p. 170. Sobre os templos dos pagãos convertidos em igrejas, veja: Butler. Vite, novembro, p. 10.